



COMUNIDADE SERRINHA – GOIÁS A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE: no processo de alfabetização de jovens e adultos

Ana Paula Alves de Oliveira
UEG/câmpus Jussara

RESUMO

O presente trabalho constitui o entendimento do processo educativo realizado pela Igreja Católica, tendo como experimento a criação de escolas voltadas para o público jovem e adulto que não tiveram acesso à educação em idade regular. A década de 1960, fora o ápice de abrangência do Movimento de Educação de Base- MEB, através das escolas radiofônicas, tomando como base de estudo a escola da Comunidade Serrinha, em Itauçu-GO. Tendo como objetivo aproximar os sujeitos da realidade social, visando à conscientização deste e a sua alfabetização de forma a contribuir para a afirmação do movimento cultural, no debate constante de integração do homem com o processo histórico, econômico, social e político. A partir disso o homem é capaz de transformar a natureza e se transformar, devido às novas visões que estes sujeitos passam a compreender do mundo. O MEB para conseguir alcançar seus objetivos de alfabetizar jovens e adultos e fazer com que o aluno se compreenda como construtor da sua própria história optou por utilizar o que ficou conhecido como Método Paulo Freire. Um método construído através da educação popular, demonstrando que se educa enquanto se constrói. Método enquanto processo seguindo etapas, de uma história coletiva que se cria e faz, a partir da realidade dos indivíduos envolvidos. A educação popular para Paulo Freire (2003) nada mais é do que uma tarefa de trocas. De um lado o trabalhador que não está ali para se constituir um sujeito isolado, com função apenas de ouvir, o que o professor tem para lhe impor. Do outro, o que ensina assumindo seu *status* de detentor do poder e conhecimento. Esse método então é negado para Freire. Para ele a sala de aula se constrói sobre um pressuposto de um local de diálogo entre o que “ensina-e-aprende”, a partir da realidade do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento de Educação de Base (MEB). Conscientização. Método Paulo Freire. Comunidade Serrinha

O cenário brasileiro nas décadas de 1950 e 1960 passa por um momento de transição, das mudanças significativas do afloramento de ascensão da luta das massas populares. Visto que a grande maioria destes sujeitos é analfabeta e vivia nas camadas mais baixas da sociedade. Há então o desenvolvimento de um sentimento de participação como sujeitos críticos e responsáveis, na elaboração de um novo cenário mundial e brasileiro que se instaurava neste período. Porém, não se quer dizer que a organização social por meio de movimentos, parta de um princípio de analfabetismo. Mas se consolida como um dos fatores preponderantes para organização (WANDERLEY, 1984). É nesse momento que vão aumentar no Brasil as ligas camponesas, os sindicatos, as greves dos trabalhadores urbanos, os movimentos universitários, a luta pela terra através da reforma agrária e tantas outras organizações.



Essa transformação que os sujeitos sentiam e vivenciavam pode ser compreendida pelas mudanças trazidas com a expansão do sistema capitalista. Vemos que “a tendência do capital é a de tomar conta progressivamente de todos os ramos e setores da produção, do campo e na cidade, na agricultura e na indústria” (MARTINS, 1995, p.152). Dessa forma a sociedade passa a sofrer com as mudanças, porém, algumas significativas positivamente, com relação as leis trabalhistas e os sindicatos.

Já na década de 1950 com o Presidente JuscelinoKubitschek tem-se o Plano deMetas abrindo espaço para investimentos de capital estrangeiros. Essa modernização proposta por Juscelino do sistema capitalista nacional faz com que haja a internacionalização do mercado interno, mas sobre uma gradação dependente das multinacionais. Gerou então, uma crise interna do bloco dominante e um caos hegemônico no bloco dirigente.

Dessa maneira a crise também afetou diretamente aos setores populares, fazendo com que não houvesse um “condutor político canalizado” de sua ação. Dessa forma os setores populares se viram em meio à “fragilidade dos partidos legais e as divisões dos grupos de esquerda” (WANDERLEY, 1984, p. 42). A professora mestre em educação Silva (2006) explica que isso aconteceu devido à necessidade que houve dentro da sociedade. Antes a base da sociedade era a estrutura “agrário-comercial”, agora através das praticas desenvolvimentistas ela passa a se estabelecer sobre um viés “urbano-industrial”. Essa transição fez com que o setor popular fosse à busca de algo que os identificasse como sujeitos pertencentes a uma sociedade.

Assim o setor popular da sociedade brasileira, se viu com uma necessidade básica, de ter mais espaço para participar nessa construção social. A solução encontrada para trazer esse sujeito, como voz ativa para a participação na política era fazer com que esse sujeito se sentisse parte dessa construção. Apresentando a ele as “visões de mundo” que o rodeiam, principalmente pelo lado cultural das sociedades. Esse trabalho ocorre quando houve participação da Igreja Católica num movimento educacional e cultural visando o apoio aos marginalizados da sociedade, tanto da área rural como urbana. A visão do MEB conseguia mostrar uma “possibilidade concreta de as classes populares irem alcançando patamares progressivos de hegemonia cultural”



(WANDERLEY, 1984, p. 42). Isso mostra a importância das práticas educacionais no processo de reestruturação do Brasil a partir dos anos de 1950 e 1960.

Estes movimentos estavam embasados na proposição de alfabetizar adultos na perspectiva da valorização cultural e de educação popular. Desta forma, a educação e a cultura seriam objetivadas a partir do ponto de vista, dos valores das necessidades e da capacidade de mobilização e organização do povo (COUTINHO; TEIXEIRA, 2009, p. 5)

Ao analisar essa fragmentação do cenário brasileiro influenciando na organização dos setores populares¹, Wanderley (1984) faz uma análise desta influência política na organização da Igreja Católica para poder entender seu apoio a classe popular através do MEB. Pois segundo Silva (2006) o povo procurava na igreja, forças para continuar nesse processo de valorização cultural, visto que a igreja dava subsídios para acolher esses oprimidos, que depositavam suas angústias e esperanças, através da fé católica que era propagada. Isso então servia de consolo para o homem do campo, que vivia na exploração pelo fazendeiro.

Como se viu as transformações sociais influenciaram diretamente a organização da Igreja Católica, até mesmo a nível mundial. Entravam em jogo as discussões sobre a permanência de uma igreja tradicional ou de uma igreja engajada nas mudanças sociais. Visto que a cena do mundo está em constante transformação neste momento como afirma Wanderley (1984). Levantando alguns dos pontos principais que levaram as discussões da nova ordem da Igreja Católica para o mundo e consequentemente ao seguimento católico brasileiro.

Sob influxo das idéias debatidas na época pelos vários grupos sociais, sob a pressão das práticas da Ação Católica, assimilando as reflexões teológicas do exterior, internalizado e redefinindo temas do humanismo integral e do personalismo, respirando algumas proposições do socialismo, segmentos gradativos de leigos e representantes do clero e dos religiosos passaram a exigir mais do testemunho cristão, da atuação da Igreja, do compromisso com a mudança social. Estruturaram-se, então, divergentes visões de mundo e perspectivas de ação, divergentes concepções, dos grupos e movimentos católicos

¹ De acordo com Wanderley (1984) corresponde a maior participação das classes populares: camponeses, operários e tantos outros que são esquecidos pela sociedade. Eles buscavam a maior participação social na consolidação da política do país.



(PCC, Ação Católica, sindicalismo rural e no próprio MEB), nas relações entre o clero e laicato, nas relações entre o clero e hierarquia. (WANDERLEY, 1984, p.44).

Dessa forma percebe-se a atuação das influências causadas pelos movimentos sociais à busca de uma igreja que acolhesse esses sujeitos. Assim começa o que se chamou de “Igreja Popular”, tendo como objetivo uma maior participação dos sujeitos dos setores populares. Nesse momento “iam germinando as primeiras elaborações da teologia da libertação”. Uma ideologia que tinha como base uma Igreja com viés esquerdista, que possuía princípios políticos sociais que vissem a ajuda dos pobres marginalizados da sociedade. E em meio a todas essas transições e discussões, inicia-se a criação do Movimento de Educação de Base (MEB) criado pela Igreja Católica.

O MEB é um sistema educativo realizado através do uso do rádio em 1947 pelo episcopado nas arquidioceses de Natal, Aracaju. Tendo resultado significativo com esse ensino, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), propôs um plano de um movimento de nível nacional com base nas experiências colhidas em Natal. Dessa maneira foi aprovado o decreto de 50.370 de 21 de março de 1961, sendo o Governo Federal o fornecedor de recursos para a instalação e manutenção das escolas radiofônicas. Tendo prioridade de atuação a região Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, depois disso a educação de base se estenderia para outros locais do Brasil (WANDERLEY, 1984).

No período de Juscelino Kubitschek, de acordo com Wanderley (1984) muitos bispos contataram o Governo Federal para tentar dirigir o trabalho da Igreja em apoio ao governo em programas de cunho social, tendo como base a linha educativa.

A primeira interpretação está contida na carta-proposta remetida antes da posse do presidente. [...] 1958 [...]. Nela se comentava a recomendação de programas privados com financiamento público [...], e se sugeria a possibilidade de uma educação popular ampla, alicerçada nas experiências radioeducativas em andamento. Partia da constatação de que a maioria da população, nas áreas subdesenvolvidas do País, vivia na ignorância que é ‘uma forma terrível de escuridão’ (WANDERLEY, 1984, p. 50).

Já no governo Jânio Quadros poderia perceber uma preocupação em investir em uma educação de base, como sendo uma área de grande importância para a sociedade brasileira. Mas



de acordo com o sociólogo Wanderley (1984) Jânio Quadros tinha outros planos ao apoiar a educação de base da Igreja Católica. O autor levanta algumas hipóteses que poderiam justificar esses interesses de Jânio Quadros em expandir a educação de base da Igreja Católica.

Primeiro poderia ser uma estratégia política dos governos populistas, com intenção de aumentar o número de eleitorado ao seu favor. Segundo seria uma solução da pressão que a UNESCO fazia por campanhas de alfabetização, visto que o cenário brasileiro encontrava-se com índices de analfabetismo elevados. Terceiro seria diminuir as influências do poder das oligarquias rurais. Para o presidente o programa educacional da Igreja, contribuiria para mudar esse cenário da política brasileira do início da década de 1960. A quarta hipótese seria que a educação de base poderia ter o controle das influências da política de esquerda, que tentavam mobilizar e organizar os trabalhadores do campo (WANDERLEY, 1984).

Os propósitos iam além da alfabetização: 'O nosso drama... não é só alfabetizar. Junto a isto há a urgência de muitos mais: urgência gritante de se abrirem aos nossos camponeses, operários e suas famílias, as riquezas da educação de base, fundamental, educação que chamaríamos de cultura popular, a qual tende a fazer o homem despertar para seus próprios problemas, encontrar suas soluções, aprender a comer bem, a defender sua saúde, a manter boas relações com seus semelhantes, a andar com seus próprios pés, a decidir dos seus destinos, buscar sua elevação cívica, moral, econômica, social e espiritual. É esta a escola que temos de jogar no seio das populações camponesas e operárias, através de seus métodos próprios já experimentados e vitoriosos' (TÁVORA apud WANDERLEY, 1984, p.50).

Vendo essas necessidades gritantes da sociedade brasileira deste período, o MEB desenvolveu uma estrutura, a fim de manter a organização do sistema educacional, a partir da implantação de escolas radiofônicas no meio rural e urbano. Sendo que havia um Conselho Diretor Nacional (CDN), composto por bispos e arcebispos. E em cada estado havia Conselho Diretor Estadual (CDE), sendo conduzido pelos bispos locais. Além do mais existiam outros cargos dentro desta estrutura². O que deve ser destacado é a compreensão dos sistemas locais de radiofonia

² Outras organizações dentro do Movimento de Educação de Base, com intuito organizativo do movimento educacional. Comissão Executiva Nacional orientava e coordenava as Equipes Estaduais (EE), Equipes Estaduais (EE) coordenava as Equipes Locais (EL)



educativa. Sendo constituída por uma Equipe Local (EL), tinha como função planejar, executar e coordenar o programa local de Educação de Base.

Esse sistema radiofônico educativo tinha uma estrutura similar em todo o país, contudo cada Equipe Local tinha as suas particularidades, que a tornava diferente da de outros locais que possuía o sistema de ensino do MEB. Isso mostra que os problemas sociais são regionais, e o MEB tendo como um dos objetivos a alfabetização através das experiências da realidade dos sujeitos envolvidos, busca aproximar os trabalhadores da sua realidade social, visando à conscientização deste, mostrando que a educação do MEB vai além de aprender a ler e escrever.

Considerando as dimensões totais do homem. Entende-se como Educação de Base o processo de autoconscientização das massas, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Esta educação deverá partir das necessidades e dos meios de populares de libertação, integrados em uma autêntica cultura popular, que leve a uma ação transformadora. Concomitantemente, propiciar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro (MEB Nacional- Relatório do I Encontro de Coordenadores apud WANDERLEY, 1984, p. 99).

As citações acima vêm remetendo a uma discussão iniciada anteriormente sobre a expansão do capitalismo no campo. No sentido de que muitos entendem essa expressão como a expulsão do homem do campo, por não conseguir atender as necessidades desse novo sistema. Todavia, Martins (1995) demonstra um novo olhar sobre essa expansão do capitalismo no campo. Agora os trabalhadores se tornaram homem livres, “libertos de toda propriedade que não seja a propriedade da sua força de trabalho, da sua capacidade de trabalhar” (MARTINS, 1995, p. 152). O homem agora tem a sua força de trabalho para ser negociada. Visto que com o capitalismo não houve uma expropriação diretamente do homem do campo ou camponês, mas houve uma expropriação com relação à posse da terra. A terra agora está concentrada nas mãos de poucos indivíduos.

Para o sociólogo Martins (1995) uma realidade ao qual o capitalismo pode pensar no homem a partir da sua individualidade, sujeito livre para tomar suas decisões e iguais a todos os



outros, contudo, ao mesmo tempo, o sujeito depende das relações estabelecidas com os outros. Isso destaca a relevância de se entender o conceito de capitalismo no campo, porque isso mostra a ideia da conscientização defendida pelo MEB, como forma de ajudar os trabalhadores rurais a ver que a humilhação, a exploração não são mais aceitos na concepção capitalista atual. Deverá deixar claro que, o que é vendido é à força de trabalho, não o sujeito em si.

Com o MEB há o aparecimento de algumas concepções do que seria a consciência, tão mencionadas neste texto e que se torna o ponto de partida da instauração desse movimento educacional. Dessa maneira tem-se a consciência do indivíduo ou comunitária, que consiste em alguns problemas enfrentados que necessitam ser resolvidos, que muitas vezes não são atendidos pelos órgãos públicos. Assim as organizações destes indivíduos podem mudar a realidade de uma comunidade, como por exemplo, escola, saúde, estrada e outros.

Wanderley (1984) destaca que a educação popular desenvolvida pelo MEB, não se constrói sobre ponto de organização e mobilização, a fim de estabelecer um novo sistema de relações sociais, na qual o oprimido mudaria a sua posição com o opressor. Contudo há uma consciência de classe a partir das experiências vividas pelos indivíduos, isso dá subsídios para a organização e luta por melhorias. Visto que o estudo referido estuda os procedimentos e mecanismos de atuação da instituição educativa como forma eficaz de concretização de mudanças estruturais.

Os passos efetivos indicam que a tomada dessa consciência por parte dos trabalhadores rurais ia se incrementando pelo desenvolvimento progressivo da capacidade de colocar-se como classe para-si, de descobrir sua identidade, a situação de opressão, os conflitos gerados pelos proprietários e autoridades, e alguns desvendando algumas contradições que permitiam embrionariamente ter acesso à visão de totalidade social (WANDERLEY, 1984, p. 153-154).

Dessa forma um dos aspectos do MEB é a prioridade a cultura popular³, visando à participação ativa do homem no mundo e com os outros homens. A partir disso o homem é capaz de transformar a natureza e se transformar, devido às novas visões que estes sujeitos passam a

³ As atividades de cultura popular dirige-se primordialmente ao povo, às camadas inferiores da estratificação social, às camadas marginalizadas em todas as esferas – por pretender uma cultura igualmente participativa por todo o povo, pelo conjunto de todas as pessoas da sociedade (FÁVERO, 1983, p.78).



compreender do mundo. Porque a cultura é um processo histórico dialético, na qual o homem em relação ao conhecimento com o mundo e com outros homens, transforma a natureza e transforma a si mesmo, gerando novas significações e realizando-se como homem neste mundo humano (FAVERO, 1983).

A cultura popular “é comunicável ao povo, isto é, quando suas significações, seus valores, idéias, obras, são destinadas, efetivamente, ao povo e respondem às suas exigências de realização humana em determinada época, em suma, à sua consciência histórica” (WANDERLEY, 1984, p.327-328). Para Fávero (1983) a cultura popular deve ser a expressão cultural da luta política das massas, isso a torna particular no seu entendimento. Pois essa luta deve estar diretamente ligada à educação do povo, ou seja, a educação popular, não apenas de ler e escrever, mas da construção de uma consciência que não seja alienada a estratificação social das camadas altas da sociedade. Veja a letra da música dos monitores do Estado de Goiás, escrita por José Coelho:

Meu Companheiro

Meu companheiro
Nossa vida é muito dura
Milhares de criatura
Sofre tanto faiz dó
Por este Brazil a fora
Cada vez fica pió

Meu companheiro
O Brazil só vai pra frente
Quando um dia tôda gente
Souber lêr é escrever
Por isso mesmo
Povo do Brazil inteiro deve
Estudar e aprender

O velho Pedro
A Maria e o Vicente
A mulher do seu Clemente
A Tereza e o Valdemar
Na caminhada
Não existe distinção



De cor e nem religião
Nem no geito de trajá

(Fazenda Serrinha Itauçu-1963)

O Movimento de Educação de Base não se limitava as paredes das salas de aulas das escolhas radiofônicas, mas sim a construção de uma educação que fornecesse ao povo das comunidades o descobrimento das suas próprias forças e objetivos a serem debatidos e alcançados, visando à união da comunidade. Contudo, era necessário que o MEB auto-organizasse-se no intuito de:

[...] fornecer ao camponês ou operário, a partir de seus próprios valores e condições sócio-culturais, os elementos básicos, enquanto educação, para que ele, por si mesmo, fosse capaz de participar ativa e conscientemente como sujeito de uma História cujo sentido único deve ser o de promover cada vez mais todos os homens (FÁVERO, 1983, p. 192).

Isso fica claro na letra da música dos monitores do Estado de Goiás, que demonstra a realidade do camponês sofrido da roça, que juntos, os trabalhadores caminham na tentativa de buscar melhores condições de vida. Para isso José Coelho salienta a importância de se ajuntar com outros no movimento educacional, aprender a ler e escrever. O ler não deve ser encarado apenas como instrumentalização, mas sim a leitura como acessibilidade dos meios de comunicação e divulgação. Poder ir além da formalidade da educação, mas ter acesso, compreender e dominar os meios informais de educação, que constantemente estão sendo criados pela sociedade. Como por exemplo, os inúmeros tipos de propagandas vistas no rádio, televisão, revistas e jornais. Só assim se conseguiria uma maior participação e conscientização dos sujeitos, com intuito de mudar a história. Esse aspecto é debatido principalmente dentro do que se chamou de círculo de cultura (FAVERO, 1983).

Brandão (1981) esclarece o que seria esse círculo de cultura. Significa que todos estão engajados em equipe de trabalho, onde não há um professor ou um alfabetizador, mas um animador de debates, que a todo o momento faz com que o grupo produza discussões sobre o que é estudado. Mostrando que o ensino não se restringe apenas ao momento do professor apresentar a matéria, mas que o conteúdo deve ser transmitido de forma comum havendo trocas



de saberes entre quem ensina e aprende. Isso acontece devido ao fato de que há por trás de cada sujeito um “universo de fala da cultura”, e isso precisa ser pesquisado, levantado, descoberto e dialogado com o grupo.

O MEB para conseguir alcançar seus objetivos de alfabetizar jovens e adultos e fazer com que o aluno se compreenda como construtor da sua própria história optou por utilizar o que ficou conhecido como Método Paulo Freire. Um método que Brandão (1981) demonstra que educa enquanto se constrói, segue etapas, de uma história coletiva que se cria e faz, a partir da realidade dos indivíduos envolvidos. Na sua maioria uma educação que abrangesse principalmente os camponeses.

Educar para Paulo Freire nada mais é do que uma tarefa de trocas. Paulo Freire nega o método de que o trabalhador que não está ali para se constituir um sujeito isolado, com função apenas de ouvir o que o professor tem para lhe impor. Do outro, o que ensina assumindo seu *status* de detentor do poder e conhecimento. Para ele, a sala de aula se constrói sobre um pressuposto de um local de diálogo entre o que “ensina-e-aprende”, entre “educadores-educandos e educandos-educadores” (BRANDÃO, 1981, p. 22). Esse diálogo desenvolvido entre os sujeitos do processo de ensino faz com que haja uma reflexão do homem sobre sua própria capacidade de reflexão. Reflexão da sua posição no mundo, do trabalho, seu poder transformar o mundo e da própria alfabetização.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1987, p. 68).

Nas duas primeiras aulas da escola radiofônica, são realizados trabalhos de adaptação dos sujeitos ao mundo escolar. Assim, a princípio, as aulas são realizadas através do uso de gravuras, que representam situações cotidianas dos trabalhadores. Dessa maneira faz-se necessário que os sujeitos do processo educativo se façam compreensíveis na aula. O que Paulo Freire designou como “participação criadora”. Os sujeitos envolvidos são os responsáveis por



expressar o que as gravuras representariam para o homem do campo, levando-os a refletir sobre a sua realidade. O educador estará ali, apenas com o intuito de levar o educando a raciocinar sobre a figura, comparando com situações do dia-a-dia. Dessa forma os educadores devem ajudar o grupo a pensar, a refletir coletivamente (BRANDÃO, 1981).

Paulo Freire buscava que para uma alfabetização de qualidade era necessário que o aluno contribua nesse diálogo entre professor e aluno. Que embora analfabeto, ele se sinta parte desse processo. Porque é ele quem vê o mundo, e a partir disso, que ele passa a problematizar criticamente como ele se coloca no mundo, sozinho e com os outros. Buscar uma educação inventada e reinventada a partir das suas necessidades (FREIRE, 1987). Necessidades estas que, se relacionam diretamente com a subsistência. Para o sujeito a necessidade vem em primeiro lugar, ao passo que o homem tem necessidade de algo. Isto é, devido que ele se relacionou com o mundo e fez dele seu objeto de conhecimento. E pelo trabalho o colocou num processo de transformação. Isso gera no homem a capacidade de transformação no mundo (BRANDÃO, 1981).

O Método Paulo Freire basicamente se estrutura sobre o que se chama de “palavras geradoras”, como por exemplo, Benedito e Jovelina no caso do MEB-GO. Essas duas palavras podem refletir um casal do campo ou uma família. Para Silva (2006) “As palavras geradoras passam a ter vida porque se relacionavam com o trabalho do aluno, sua dor e sua fome” (SILVA, 2006, p. 39). Com o uso de cartazes, gravuras e fichas, os alunos vão descobrindo novas palavras que podem ser formadas, a partir das letras e sílabas das palavras geradoras. Além disso, havia pequenos textos de fácil compreensão, para dar aporte para as palavras geradoras. Sempre partindo da realidade dos alunos e os levando a transformar a mentalidade do oprimido, mas sem pressionar os alunos (FREIRE, 1987).

[...] a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. [...] Implica, não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas desgarradas de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas – mas numa atitude de criação e recriação. [...] o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto os instrumentos com que se alfabetiza. Por isso, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de



dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador (FREIRE, 2003, p. 119).

O Movimento de Educação de Base chega a Comunidade Serrinha em Itauçu- GO

O campo goiano foi palco de inúmeras influências políticas a fim de colonizar e depois modernizar esse espaço. Além do mais, no início do século XX inicia-se o processo de expansão do capitalismo no campo, ocasionando os trabalhadores a sofrerem consequências. O campo passa a se consolidar como um espaço de luta dos trabalhadores, a fim de solidificarem como homens livres e assalariados. A luta pela terra tornou-se constante na historiografia brasileira. E se pode ver isso no processo de consolidação dos trabalhadores rurais no país a partir das décadas de 1940 a 1960. A historiadora Borges (2005) salienta que todo esse processo de lutas travadas no campo se resulta de influências partidárias, Igreja e do Estado, mostrando que as histórias das lutas camponesas sempre foram marcadas por influências de outros, mas que cada movimento tinha seus próprios ideais de luta.

Entretanto o MEB chega a Goiás através das ideias do Arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos, que procurava alfabetizar as pessoas principalmente da zona rural. Dessa forma em 1961 chegaram às primeiras escolas radiofônicas em Goiás, com caráter experimental. Houve então uma preparação psicológica e pedagógica das Equipes Locais, visando à produção de materiais didáticos. Sendo que o MEB atuou em Goiás em trinta municípios, um deles o município de Itauçu.

Além do mais cabia a cada equipe local preparar os monitores nas técnicas de domínio do rádio e também de forma pedagógica de como ser um educador. Esses monitores deveriam saber ler, escrever e contar, a grande maioria tinha pouco tempo de sala de aula. Como demonstra o relato de Parcival Moreira Coelho, que constitui um dos monitores da comunidade Serrinha em Itauçu GO, que teve apenas dois meses de “banco de escola”. O restante do conhecimento que adquiriu foi ao longo do treinamento de monitor e ao fazer o diálogo entre educador-educando.

Pro cê vê escola que eu tenho hoje, sessenta dias de escola, né, e me abriu tanto os olhos o MEB, que eu acabei virando gente, anteriormente eu era um boi, um boi da fazenda do fazendeiro, eu acabei virando gente. Nessa luta in conjunto com a comunidade pra gente resolver os nossos problemas (COELHO, 2014).



Parcival presenciou todo o processo de construção do movimento educacional em Goiás. Através das suas declarações pode-se compreender o quão o MEB foi importante para essa comunidade, mesmo com as ações da Ditadura Militar de prender os envolvidos no movimento de ação Popular, o movimento fez parte da construção pessoal e social dos indivíduos. Suas experiências adquiridas com o MEB foram de grande ajuda para lidar com os problemas que surgiam na vida e na comunidade.

De acordo com a entrevista, o Movimento de Educação de Base pode dar-lhes um novo sentido para suas vidas, na compreensão pela busca de melhorias nas condições de vida dos sujeitos, principalmente na saúde, que era precária e não atendia nem mesmo as necessidades básicas. Isso então fez com que a comunidade pressionasse a prefeitura para trazer um médico para a comunidade. Mas, além disso, o MEB para Parcival com base em suas declarações o faz se sentir vivo, se colocar como agente participante da sociedade, e o tornado parte de um sistema, no qual os indivíduos se ajudam em prol de um bem comum a todos.

De acordo com Silva (2006) os primeiros monitores foram indicados por padres da comunidade. Ao longo do tempo foram procurando por pessoas já com mais experiências e competências para tal cargo. Visto que era um trabalho voluntário cabia então a escolha de pessoas mais responsáveis da comunidade. Dessa forma os trabalhos do MEB iniciaram-se em Itauçu no ano de 1962 nas fazendas Gama, Cabeceira do Inhumas, Barreiro e Serrinha. Sendo que a Fazenda Serrinha tornou-se centro de referência das organizações do movimento educacional, que depois culminou em tornar-se Comunidade Serrinha, devido às aglomerações de pessoas neste local, e cerca de cento e cinquenta famílias viviam em torno desta comunidade (BORGES, 2005).

As pessoas que viviam nesta região eram meeiros, arrendatários, havia poucos assalariados, que viviam em péssimas condições de saúde e eram constantemente explorados pelo dono das terras, havia desigualdade social. Dessa forma a Escola Radiofônica da Comunidade Serrinha era mantida pelo governo do Estado e da Arquidiocese de Goiânia. As aulas eram transmitidas pela rádio difusora de Goiânia para as escolas, através de um rádio a pilha que



possuía apenas uma frequência. Os primeiros monitores desta escola foram Oscavú José Moreira e José Moreira Coelho (SILVA, 2006).

O MEB foi um movimento muito importante naquela comunidade, em pouco tempo as pessoas organizaram-se, havendo o grupo das mulheres, grupos de teatro e time de futebol, que visavam chamar a atenção e o interesse da comunidade. Por intermédio do MEB, importantes campanhas de saúde realizaram na Comunidade da Serrinha, como a campanha do filtro e das fossas. A escola entrou com o trabalho de conscientização e esclarecimento, e a Equipe Central de Goiânia conseguiu uma verba para a construção das fossas e a compra dos filtros para as famílias que não o possuíam. (SILVA, 2006, p. 54)

O Monitor era responsável por toda a parte organizacional da escola e dos assuntos que envolviam a comunidade. Dessa maneira eles também eram responsáveis por fazer os relatórios da comunidade, mostrando as melhorias, os pontos que necessitavam de abranger nas aulas, os problemas que precisavam ser resolvidos em comunidade, ou seja, precisava prestar contas a Equipe Central. A preparação desses monitores era realizada na arquidiocese de Goiânia. De acordo com Wanderley (1984) os monitores eram capacitados em técnicas de alfabetização, cálculo, português, de higiene, saúde, família, comunidade, associação, informação profissional e crescimento espiritual. Tudo o que era prático para a vida é que merecia ser pensado e refletido na escola.

Aí tinha cursos equipe estadual, de direção estadual tinha cursos para treinamento de monitor. Monitor era quem pegava do rádio e trazer, e ficar entre o rádio é o aluno, né. Tudo bem, assim que as aulas chegava aqui e tinha treinamento lá em Goiânia pra isso, pra esclarecer bem as coisas para o monitor, porque depois que ele ia embora lá pra zona rural. (COELHO, 2014)

É interessante destacar que dentro do cenário político goiano da década de 1950 e 1960 havia uma crescente popularização das ideias do Movimento de Ação Popular (AP), da formação de Sindicatos e do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e a Igreja Católica. Por isso foi fundada a primeira Associação de Trabalhadores Rurais de Formoso, fundada em 30 de janeiro de 1954, e que tinha como um de seus objetivos defenderem os posseiros da grilagem da terra, sendo que em Formoso houve uma luta armada. A segunda foi a Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Itauçu, fundada em 1956, tinha como principais objetivos a luta pela baixa do



arrendo⁴, buscavam também a organização dos trabalhadores em prol da luta pelas questões agrárias. Essas organizações tinham cunho comunista (SILVA, 2006).

Em 30 de março de 1962 a Igreja Católica se organizou e lançou a Frente Agrária Goiana (FAGO). Uma organização anticomunista que atuava juntamente com o MEB, a parte do Setor de Sindicalismo Rural. Tendo como objetivo incentivar os trabalhadores rurais a se organizarem através das escolas radiofônicas. Tanto a FAGO quanto a o Partido Comunista tinham ideias de organização sindical parecidos, mas que com a atuação do MEB na Comunidade Serrinha o posicionamento anticomunista da FAGO fez com que as ideias comunistas fossem propagadas apenas entre o sindicato de Itauçu (SILVA, 2006).

É interessante que em dezembro de 1963 foi realizado o 1º Congresso Estadual de Monitores. Nesse encontro foram debatidos temas como reforma agrária, cultura, educação de base, como forma de melhorar os níveis de conscientização e organização. Visto que cada vez mais o cenário brasileiro é tomado pelas ideias de movimentos sociais, o MEB já não possui as mesmas características de educação na qual se iniciava anos atrás. O Movimento Educacional de Base agora passa a atuar de forma transformadora da realidade social.

A igreja que contrapunha ao discurso da esquerda, também tinha um discurso que contraditoriamente levantava bandeira de expressão de esquerda em função da realidade em que ela se encontrava. Dessa forma em Itauçu a Igreja Católica exerceu grande influencia, pois, apesar de não mudar seus dogmas, levou o povo a pensar em questões que não eram só de ordem religiosa (SILVA, 2006, p. 61).

Como o MEB tinha esse cunho de conscientização social a partir da realidade social, além, de várias discussões a respeito das questões agrárias, os fazendeiros viram a educação do MEB através do rádio, como uma ofensiva a organização de uma luta armada em prol da tomada de terras pelos membros conscientizados do MEB. O medo dos trabalhadores se organizarem

⁴ O trabalhador rural por não ser dono dos meios de produção, se submete a colocar a terra do fazendeiro para produzir. Ao final da produção o trabalhador devolvia ao fazendeiro 20% do que foi produzido. Contudo os fazendeiros cobravam acima do que era estipulado por lei, fazendo com que os trabalhadores tivessem que pagar, visto que estava em jogo a sobrevivência de suas famílias.



como o ocorrido em Trombas e Formosa, tomava conta dos fazendeiros em Itauçu. Visto que se via a preocupação em manter o monopólio de dominação sobre os trabalhadores.

Silva (2006) aponta outro fator preponderante para a instauração do medo entre os fazendeiros de Itauçu, levando por sua vez a desenvolver um bloqueio contra as escolas radiofônicas, que foi a criação do sindicato. Os fazendeiros ficaram assustados com as ideologias dos sindicatos, que se organizavam em luta pela liberdade e principalmente o desenvolvimento da reforma agrária. Na Comunidade Serrinha os atritos entre fazendeiros e sindicato foi mais relevante. Visto que o líder do sindicato de Itauçu era um militante do partido comunista, conhecido por Sebastião Bailão. Os fazendeiros então pressionavam a não implantação deste sindicato, a fim de não haver o fortalecimento da classe trabalhadora rural. A pressão foi tanta que o sindicato não veio a existir.

Dentro daquela localidade, dentro daquele pedaço de chão, que município de Itauçu tinha essas duas frentes de luta, né, a do MEB e a do Sebastião Bailão, e ele era, era uma militância do PCB, que foi designado pelo próprio PCB para fazer aquele trabalho de sindicalização daqueles trabalhador em função da realidade dura e amarga dos trabalhadores do café, do trabalhador rural no seu todo. Mas esse era um trabalho que a gente do MEB não fazia parte, (...) era um outro trabalho dele lá. Para a igreja era considerado comunista, e gente da igreja não participava de movimentos comunistas (COELHO apud SILVA, 2006, p. 87).

O MEB-GO mesmo passando por desconfiança por parte dos fazendeiros, ainda conseguia estruturar-se e manter-se no cenário educativo agrário do Estado de Goiás, por volta da pré-ditadura militar. Mas aos poucos o MEB-GO foi deixando sua linha de trabalho inicial, que era voltada para a alfabetização de jovens e adultos, e foi ganhando ares de organização dos trabalhadores em prol da luta por seus direitos. Além do mais Silva (2006), demonstra que o MEB também passou a atuar sobre discussões em relação ao não pagamento do arrendo, isso então, levou cada vez mais a desconfiança dos fazendeiros, sobre a linha pedagógica que o MEB estava adotando.

OMEB tinha essa finalidade não era só educar A B C D E F G H não, ele tinha mais essa virtude conscientização do trabalhador [...] País do analfabetismo, naquele tempo. País do analfabetismo, país da verminose arrasava. País da doença, da falta do médico que não tinha mesmo. [...] Lutar pra resolver os seus



problemas, a comunidade pra não ficar penando, aí na espera na espera eterna. (COELHO, 2014).

Com a implantação da Ditadura Militar em 1964 o MEB passou a ter dificuldades de atuação. Sobretudo sobre a censura exagerada e os problemas políticos deste período. Cada vez mais o MEB era impedido de usar materiais pedagógicos que estimulava a conscientização, as aulas eram monitoradas.

Após o golpe de 1964, a situação alterou-se radicalmente, pois o clima de repressão que se instaurou, ao mesmo tempo em que reprimia crescentemente as organizações de esquerda, proibia qualquer movimento de apoio e solidariedade às lutas e movimentos populares. Os setores da Igreja que sempre trabalharam nessa direção, e mesmo outros que aderiram a essa linha, passaram a ser rotulados de comunistas. Estabeleceu-se, então, uma verdadeira batalha discursiva, de acusação e defesa, entre a Igreja e o regime, e a imprensa se transformou em palco privilegiado dessa disputa (MONTENEGRO, 2010, p. 111)

Segundo a historiadora Borges (2005) isso gerou tensões entre a Igreja e o Estado. Os militares passaram a acusar bispos, padres e leigos de serem comunistas. Isso gerou cortes nas verbas destinadas a educação do MEB. O Movimento de Educação de Base foi obrigado a fechar as escolas radiofônicas, devido à censura sobre os meios de comunicação e a linha pedagógica em 1966 pela Ditadura Militar. Veja as palavras do relato de vida de Parcival, um dos monitores da Comunidade Serrinha falando sobre o fechamento do MEB-GO:

Aí chega o pessoal da ditadura e começou a botar normas. Começou a botar não, começou a querer botar normas, até que chegou um ponto em que não conseguia fazer do MEB, o que eles pretendia fazer. Ser o quê, estabeleceu-se duas questões, duas opções: O MEB muda a linha de educação ou fecha. Essa foi a exigência da ditadura. É a equipe estadual do MEB, juntou todos nós monitores, e éramos muitos aí pelo estado esparramados em Goiás. E fomos decidir a questão. Nós vamos mudar a linha pedagógica, a linha de ensino ou vamos fechar? Aí tivemos uns dois dias debatendo isso lá em Goiânia, aí final. Resolvemos fechar o MEB, acabou! Cabou o MEB, acabou não o MEB ta aqui (bate a mão no coração). O que eu tenho hoje eu devo ao MEB, aquela luta (COELHO, 2014).

O MEB-GO não acabou em 1966 ele continuou vivo e lutando pelos seus ideais a partir dos seus sujeitos envolvidos. Percebe-se nas palavras do monitor Coelho (2014) o quão forte era o MEB para a vida daqueles sujeitos, vemos que a capacidade crítica que estes sujeitos adquiriram não foi em vão para a vida destes sujeitos. Como a visão de mundo adquirida através das aulas



discutidas ao longo do processo educativo, alguns sujeitos puderam então se engajar por se envolverem em uma nova luta. Eles passaram a apoiar o movimento de Ação Popular (AP).

Conclusão

Conclui-se assim, que o Movimento de Educação de Base tem como característica a educação de jovens e adultos, torna-se uma ferramenta importante para se entender o Brasil, principalmente na década de 1960. A educação desses sujeitos vai além de apenas ensiná-los a ler e escrever. A nova sociedade nascente neste período faz com que estes sujeitos se construam através de um processo de transformação em sujeitos capazes de agir e pensar de forma crítica perante a sociedade. É necessário que o homem se conscientize aprendendo a pensar do ponto de vista da sua classe social. Ao fazer isso aos poucos estes sujeitos vão desvendando a simbólica opressão que se via sobre estes sujeitos, mostrando assim, que eles são capazes de enfrentar os problemas as dificuldades que os cercavam.

Valorizar do papel que o Movimento de Educação de Base proporcionou a tantos homens e mulheres. Pois foi por meio da base dessa educação que se pode compreender e sentir a luta de um simples trabalhador rural que passou a encarar-se como construtor da sua própria história, por participar no processo de construção de um luta na busca por uma vida digna, da sobrevivência da sua família, da necessidade de educação e saúde para o povo, e até quem sabe um dia ter tido a oportunidade de dizer que aquela propriedade é minha.

Pobre também é gente!

José Moreira Coelho
(09/06/2005)

Quanta gente ainda vive sem regalia
Vivendo no cativeiro de alguns dia
Sem meios pra defender o pão de cada dia
Quantos sem recurço esta sendo espulso pra rodovia

Digo isto porque vejo aqui no sertão
O povo num desespero sem solução
Nem conhese seus direitos de cidadão
No nosso sertão goiano a que esta mandando
e a lei do patrão



O Brasil não desenvolve eu digo porque
Por falta de instrução pro povo viver
O pobre esta esquecido sem ninguém ver
Esta sendo massacrado e desrespeitado pelo poder

Pressisamos trabalhar pela educação
Pra ver se desenvolve nossa nação
Pra tirar o camponês da escravidão
E pra vida que vivemos hoje já temos solução

Temos nosso sindicato pra defender
A ampla reforma agrária vamos fazer
Um sindicalismo livre queremos ter
O trabalhador unido e esclarecido tem que vencer

Vamos mostrar ao governo daqui pra frente
Que a classe trabalhadora é inteligente
O arroxo do sistema o povo já sente
Vamos mostrar ao nobre que o povo
Pobre também é gente.

Devido a este poema ser escrito anos depois do fato acontecido é possível notar ainda nos sujeitos que participaram do movimento a permanência do espírito de luta, na tentativa de poder ver a realização do sonho interrompido anos antes, serem concretizados. Para José essa realidade só será possível se o povo tiver educação, mostrando assim, a continuidade que a educação promovida pelo Movimento de Educação de Base influenciou nos educandos daquele período. Mostrando que a educação abre portas para o desenvolvimento social e intelectual dos homens. Mostrando ainda a presença de uma memória que Pollak (1992) chama de elemento de constituinte de um sentimento de identidade. Esses trabalhadores que lutaram em prol de mudanças da política brasileira, ainda não perderam a essência da luta.

Referências Bibliográficas

BORGES, Elisabeth Maria de Fátima. **Itaçu: sonhos, utopias e frustrações no movimento camponês**. 2005.133. Cultura, Fronteira e Identidades – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia – UFG, Goiânia, p. 133.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.



COUTINHO, Adelaide Ferreira; TEIXEIRA, Michelle Freitas. **Educação no campo: Processos e desafios de uma construção histórica.** Ciências Humanas Revista. São Luis/ MA. V.7, n.2, 2009, p. 1-12.

FÁVERO, Osmar. **Cultura Popular Educação Popular Memória dos anos 60.** Rio de Janeiro: Gaal, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 37ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
_____. **Educação como prática da liberdade.** 27ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a política no Brasil- As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MONTENEGRO, Antonio. **História, metodologia, memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Leusa Alves de Moura. **Educação Popular e Sindicalismo – O Movimento de Educação de Base e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itauçu/GO.** 140. Estado e Políticas Educacionais – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2006.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educar para transformar- Educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base.** Petrópolis: Vozes, 1984.